

2 Ferramentas para se Pensar a Escrita

Tomando partido do historicismo moderado de Sylvain Auroux, aceitamos que toda metalinguagem é histórica e portanto pressupõe uma série de compromissos epistemológicos. Entretanto é necessário que adotemos algum tipo de metalinguagem para a discussão que será travada sobre a escrita chinesa no capítulo IV. Usarei assim um instrumental disponível no pensamento linguístico ocidental, na consciência de que sua adaptação para o tratamento do chinês é logicamente limitada, mas que gerará uma classificação e uma nova metalinguagem. De posse desse instrumental, poderemos posteriormente neste trabalho analisar no chinês: a relação entre escrita e fala, escrita e metalinguagem e a iconicidade da escrita chinesa. Em II.1 a abordagem arqueológica se justifica ao apresentar o momento da fonetização da escrita e como pensá-lo. Em II.2 apresenta-se a metalinguagem sobre a escrita, retirada de diversos discursos sobre ela. Esta metalinguagem se aplica para discutir uma tipologia escolhida (de William Haas) que gerará uma classificação e uma nova metalinguagem um “nível” acima da primeira. A grosso modo, II.1 apresenta as ferramentas para estudo da diacronia da escrita e II.2 para a sua sincronia.

2.1. Nascimento e Evolução da Escrita

A invenção da escrita, que se pode considerar como a primeira revolução tecnolinguística na história da Humanidade, é relativamente tardia em relação ao aparecimento da linguagem.¹⁰⁹

No nível empírico a origem da escrita é um problema de evidência arqueológica.¹¹⁰

¹⁰⁹ Auroux, 2004, p.48.

¹¹⁰ Coulmas, 1996, p.376.

Uma vez que os signos pictóricos estejam convencionalmente vinculados a uma interpretação linguística, as fundações da escrita ficam lançadas.¹¹¹

Já observamos antes neste trabalho que a maioria dos estudos pesquisados aceita que a escrita não é e jamais poderá ser um retrato perfeitamente isomórfico da fala. Ainda que não concordemos com alguns ou todos os partidos teóricos com um teor antirrepresentacionista introduzidos neste trabalho, me parece inescapável a conclusão de que a escrita não poderia limitar-se a ser um simples sistema de registro da fala, já que é realizada em um meio físico totalmente diferente e portadora de uma dinâmica de criação e de estruturas totalmente diversas. Isso mostra que há espaço para que, no mínimo, cogitemos a escrita como uma invenção cujo objetivo primário não foi (ou não se tornou com o passar do tempo) o de ser um “simples” meio de registro das informações voláteis da fala. E entretanto é exatamente este o papel que parecem apontar os registros arqueológicos que exploram os momentos da alvorada da escrita no mundo. De acordo com essas pesquisas, os sinais mais antigos de uma escrita incipiente apontam para listas mnemônicas e relatos governamentais, informações cuja permanência física enquanto registro interessavam a algum tipo de poder constituído ou se revestiam de algum proveito econômico.¹¹²

2.1.1. História Arqueológica

A questão sobre o que deve ou não ser considerado como escrita pode ser abordada por um caminho de cunho historiográfico, com base na análise dos testemunhos arqueológicos disponíveis.¹¹³ Ao contrário da fala, a escrita deixa testemunhos da sua atividade, e sua evolução diacrônica pode ser estudada,

¹¹¹ Coulmas, 2003, p.186.

¹¹² Veja-se: Coulmas, 2003, p.190-196; Auroux, 2004, p.51-53 discute especificamente a implementação da escrita e sua relação com as esferas do poder.

¹¹³ O relato da evolução diacrônica da escrita e sua tipologia aparenta filiar-se à visão foneticista sobre a escrita, discutida na seção I.1. Isso ocorre porque os estudos arqueológicos e sua metodologia científicista em geral aponta para um consenso sobre a escrita, *tomado sob este ponto de vista*, como um sistema de símbolos que compartilham aspectos semânticos e fonéticos.

voltando-se no tempo até certa hora em que parece que nos aproximamos do “momento” de sua criação. Embora não possamos obviamente precisar qual teria sido esse momento, ou mesmo se houve mais do que um momento em diferentes civilizações, sem dúvida podemos reconstituir um período de tempo em que a civilização humana era completamente ágrafa e outro após o evento em que a escrita se fez presente.

Os trabalhos arqueológicos indicam que a escrita teria aparecido durante a Revolução Neolítica, o período de transição de uma economia de base extrativista e de caça para uma cultura sedentária baseada na agricultura. Em geral se considera que os desenvolvimentos entre 9000-7000 a.C. na Mesopotâmia deixaram seus mais antigos traços relevantes da nova cultura e que as primeiras manifestações de um complexo neolítico plenamente desenvolvido são as cidades sumérias cujos registros datam de 3.500 a.C. É exatamente nesta região que se encontram os primeiros traços de um sistema de escrita “completo,”¹¹⁴ a escrita cuneiforme. Já no espaço da civilização chinesa, acharam-se sinais de caracteres datados do final do 3º milênio a.C., assim como um sistema de escrita desenvolvido por volta do século XIV a.C., que atingiu o período dito “clássico” no 2º milênio a.C., sendo utilizada até o século IV a.C. (Auroux, 2004, p.48-9). A escrita maia teria seus primeiros registros datados de cerca de 200 a.C. com as inscrições megalíticas encontradas no sul do México, Guatemala e Belize e foi o último dos sistemas “originais” de escrita a ser decifrado.¹¹⁵ Uma escrita na região do rio Indus (no subcontinente indiano) foi encontrada remontando à metade do 3º milênio a.C., todavia não foi possível até hoje fazer sua ligação com as escritas Kharosthi e Brahmi que surgiram naquela área dois mil anos depois (século III a.C.).¹¹⁶ E em escavações no sudeste europeu encontraram-se cerâmicas e outros artefatos datados do 7º ao 4º milênio a.C. que testemunharam uma civilização neolítica batizada de “Velho Europeu” ou “cultura Vinča.” Especula-se que os símbolos gráficos achados seriam traços do que poderia ser o mais antigo sistema

¹¹⁴ No sentido que foi discutido nos capítulos anteriores, especialmente em I.1. Tal definição está longe de ser totalmente pacífica e será frequentemente reavaliada ao longo deste trabalho.

¹¹⁵ Os primeiros registros de uma escrita bem desenvolvida nas Américas são representadas pelas inscrições monumentais dos Zapotecas no século VII a.C., onde já se encontram pontos em comum com o posterior sistema dos maias (Coulmas, 2003, p.196).

¹¹⁶ A similaridade dos significantes das escritas Kharosthi e Brahmi com a escrita aramaica provavelmente toma esta última como sua antecessora, legada durante as expansões do Império Mauria (veja-se Coulmas, 2003, p.132).

de escrita do mundo, mas nada de mais concreto já foi oferecido (Coulmas, 1996, p.366).

Embora alguns teóricos ainda hoje sustentem a hipótese de monogênese da escrita,¹¹⁷ tudo parece indicar que pelo menos as escritas suméria (cuneiforme), egípcia (hieroglífica),¹¹⁸ chinesa e mesoamericana tiveram aparecimento autóctone.¹¹⁹

2.1.2. A Evolução da Escrita: como pensá-la

A questão que me parece crucial na diacronia dos sistemas de escrita se relaciona com o momento de transição entre a pré-história e o período histórico. Durante esta transição sem dúvida houve instâncias em que símbolos foram desenhados em uma superfície com objetivos além da mera tentativa de reprodução pictográfica. Porém isso não significa necessariamente que se estivesse tratando de uma escrita plena, nos sentidos que foram discutidos no capítulo I.

As primeiras reflexões filosóficas sobre os sistemas de escrita do período moderno, nos ensina Auroux,¹²⁰ se iniciam com o erudito inglês Warburton, que postulou no século XVIII três fases no desenvolvimento dos sistemas de escrita:

1. Fase pictográfica: escrita representa diretamente o aspecto externo dos objetos no mundo
2. Fase ideográfica: a escrita codifica as ideias e não os objetos
3. Fase fonética: a escrita codifica os sons.

Ainda que não consideremos a polêmica afirmação de que a escrita “codifica” os sons na fase fonética, essa classificação já padece principalmente de dois problemas.

¹¹⁷ Por exemplo, podemos citar um exemplo contemporâneo: “o peso da evidência leva a considerar que a ideia da escrita completa pode ter emergido apenas uma vez na história da humanidade” (Fischer, 2009, p.32).

¹¹⁸ Alguns autores sugerem que “os egípcios teriam adotado a ideia da escrita vinda dos sumérios através da ‘difusão de estímulo’” (Coulmas, 2003, p.193).

¹¹⁹ Veja-se Coulmas, 2003, p.192; DeFrancis, 1989, p.67; Auroux, 1994, p.50-51.

¹²⁰ Auroux, 2004, p.49.

Em primeiro lugar, o caráter pictográfico mais tarde foi colocado em questão, quando se postulou que a escrita chinesa, por exemplo, era essencialmente logográfica, ou seja, os caracteres eram usados não para representar *ideias universais*, mas sim *palavras* da língua chinesa.¹²¹

Recentemente uma importante autora que pesquisa os primeiros sistemas de escrita no Oriente Médio, Denise Schmandt-Besserat (1997, 2007) provocou uma pequena revolução nos estudos da escrita ao mostrar como a escrita suméria não teria se originado de pictogramas. Sua tese revolucionária está em mostrar que no aparecimento e evolução da escrita protosuméria os símbolos bidimensionais foram moldados a partir de objetos simbólicos tridimensionais (“*tokens*”), e não a partir de pictogramas.¹²²

O segundo problema, escreve Auroux, diz respeito ao caráter mesmo da escrita. Já vimos que um pictograma não é necessariamente a unidade de uma escrita, ou melhor, que a maior parte dos estudiosos sobre a escrita acredita que ela não possa subsistir de uma dieta exclusiva de pictogramas: “só há verdadeiramente escrita onde são os elementos da linguagem, e não do mundo, que são representados” (Auroux, 2004, p.50). Assim podemos repensar a “fase pictográfica” como uma fase de “transição,” em que desenhos que reproduzem a aparência física das coisas do mundo começam a ser utilizados de forma diferente que apontam para as palavras da língua falada (*logogramas*), seja no uso de conceitos correlatos ou mais abstratos (via processos metafóricos diversos), seja no seu empréstimo sonoro através do rébus. Um destes *possíveis* caminhos poderia ser descrito da seguinte forma:¹²³

representações pictográficas → estilização destas representações → uso do rébus para destacar o caráter fonético de um caractere → progressivo desligamento dos caracteres do sua representação pictográfica inicial dando espaço cada vez maior para o lado fonético → abandono quase total do lado pictográfico, com o surgimento de silabários e alfabetos.

¹²¹ Tal afirmação não deve ser aceita de forma tão pacífica. Mais sobre isso na discussão específica sobre a escrita chinesa.

¹²² Veja-se Schmandt-Besserat (1997) para uma extensa discussão sobre o assunto. Críticas ao seu trabalho podem ser encontradas em Fischer, 2009, p.26-27.

¹²³ A apresentação desta “cadeias cronológicas” *não* implica que: 1) outras linhas evolutivas não possam acontecer; ou 2) em qualquer tipo de determinismo darwiniano, que acarrete ver a língua como um “mecanismo vivo” em evolução.

Coulmas (2003) é um destes historiadores da escrita que identificam passos comuns a todos os processos de evolução da escrita:

Algumas características essenciais e tendências comuns ao desenvolvimento de todos os antigos sistemas de escrita são as seguintes: origem pictográfica, interpretação linguística, princípio do rébus explorando a homofonia, estilização gráfica, normativismo e historicidade. A questão é se uma teoria geral do desenvolvimento da escrita pode ser derivada destes passos comuns.¹²⁴

Esta “corrente evolutiva” proposta para os sistemas de escrita encontra eco em diversos estudos arqueológicos sobre a evolução diacrônica da escrita. Não é difícil ver como ela se encaixa quase que perfeitamente na cadeia aristotélica de representação apresentada no início deste trabalho: O mundo exterior, objetificado, se apresenta ao observador humano, o sujeito. Esse sujeito observa o mundo e batiza as “coisas” a sua volta. Como apoio mnemônico e tecnológico, o ser humano teria desenvolvido um instrumento de representação pictográfica das coisas do mundo. Através de um processo de abstrações crescentes, tais representações iriam perdendo sua base pictográfica, “deslizando” através de metonímias/metáforas e rébus de forma a que a escrita se torne plenamente desenvolvida como basicamente uma representação fonética da fala.

O próprio Florian Coulmas se posiciona contra uma teoria unidirecional da evolução da escrita e é categórico quando afirma: “o cenário real [da evolução histórica da escrita] é incerto, e certos aspectos do evolucionismo teleológico de Gelb devem ser rejeitados” (Coulmas, 2003, p.198). O autor exemplifica alguns problemas óbvios ligados a essa teoria. A escrita egípcia, por exemplo, a despeito da incorporação dos 24 ou 26 signos monoconsonantais, manteve-se como um “sistema misto altamente complexo de logogramas, fonogramas e determinativos até o final de sua tradição literária” (Coulmas, 2003, p.198). Exemplo similar ocorre com a escrita chinesa, que adotou (como veremos nos capítulos III e IV) indicadores fonéticos para a grande maioria de seus caracteres, mas não abandonou seu sistema primariamente morfêmico.¹²⁵ Finalmente, há o caso do japonês, que tomou emprestado a notação chinesa e recusou-se a uma total silabarização da sua escrita, a despeito da quase perfeita adequação para sua

¹²⁴ Coulmas, 2003, p.197.

¹²⁵ Esta afirmação deve ser qualificada, uma vez que há correntes que não reconhecem na escrita chinesa um sistema de caráter basicamente morfêmico. Maiores detalhes serão dados naqueles capítulos.

fonologia bastante simples. Ao longo dos inúmeros processos de empréstimos de notações e desenvolvimento e mudança de sistemas linguísticos a

[t]olerância à complexidade e o desejo em ter um sistema de escrita que pareça ou (...) diferencie-se de outro, variou muito, [algo] que não é facilmente capturado através de leis generalizantes. A história da escrita, portanto, não pode depender muito de [seguir] tendências universais.¹²⁶

O Evolucionismo, diz Coulmas, “é baseado em duas suposições tácitas: 1) que a escrita não é mais nada do que a representação da fala e; 2) que só existe uma forma de otimizar esta relação” (Coulmas, 2003, p.200). Como já vimos diversos discursos e exemplos derrubando tais suposições, me parece claro que devemos desde já descartar a visão evolucionista. É portanto com extremo cuidado que devemos interpretar estas “cadeias evolutivas,” que assim devem ser vistas apenas como possibilidades dentro de complexos processos particulares de cada escrita. Seria assim mais aconselhável falar em diferentes “evoluções” dos sistemas de escrita ao invés de uma só “evolução” dos mesmos.

Não há dúvida que os estudos sobre as evoluções dos sistemas de escrita são bastante especulativos. Encontramos situações onde certos processos (como o rébus ou a desambiguação via indicadores semânticos ou fonéticos) são muito “razoáveis,” porém parece inerentemente impossível provar até que ponto este ou aquele processo tenha realmente acontecido, seja ao longo da história de uma escrita em particular, seja nas tentativas de generalização. Nesta seção intenciona-se apenas oferecer uma introdução às pesquisas sobre os sistemas de escrita, ao mesmo tempo em que procuramos abrir outros pontos de vista que não aqueles tomados pelos pensadores mais tradicionais, como aqueles que vimos na seção 1.2.

Sylvain Aurox pensa a estrada evolutiva da escrita como um processo em direção ao conhecimento metalinguístico oferecido por esta nova forma de expressão da linguagem. Em concordância com os testemunhos arqueológicos, Aurox também sustenta que a escrita teria se iniciado com listas de objetos concretos:

Entre os babilônios, os egípcios ou os chineses, um processo análogo [aparecimento de lista de caracteres] parece ter-se realizado. O que surge inicialmente são *listas temáticas* (por exemplo, bovinos, peixes, armas, profissões, etc.). Sua utilidade não é muito clara no início; elas podem ter servido a práticas

¹²⁶ Coulmas, 2003, p.208.

contábeis e provavelmente tiveram um papel mnemônico, voltado menos à linguagem do que aos objetos do mundo.¹²⁷

O autor reconhece a ocorrência de práticas orais articuladas com os paradigmas gramaticais em suas línguas, exemplificado pelos mantras indianos que recitam o paradigma completo do *fogo (agni)* para potencializar o seu poder evocativo, ou então as rezas dos maias *tzeltal* em versos que conjugam paradigmas verbais.¹²⁸ Entretanto tais operações gramaticais epilinguísticas embutidas em textos e estórias não poderão nunca se equiparar às tabelas “puramente” gramaticais que só se mostram viabilizadas na linha escrita. Essas tabelas não se oferecem à fala e somente podem ser escritas, porque “nenhum saber oral é suscetível de atingir tal grau de sistematização e de descontextualização, o que nos dá o exato limite onde assinalamos o nascimento da ‘ciência da linguagem’” (Auroux, 2004, p.70). Como vimos, a escrita é aquela que possibilita este nascimento.

Percebe-se que estamos muito longe da cadeia “evolutiva” apresentada no começo deste capítulo, onde a escrita teria nascido basicamente para a representação dos objetos concretos do mundo. Auroux aponta que já no seu início a escrita lida com os fatos gramaticais, com uma sistematização e abstração, o que não se reflete em uma proposta de movimento unidirecional “concreto → abstrato, via figuras de linguagem.”

Ademais veremos na discussão mais detalhada sobre os falares sobre o sistema de escrita chinês, e nas pinceladas sobre o pensamento oriental, visões sobre o poder que é outorgado aos sinais gráficos da escrita, transformados em emblemas revestidos de um poder evocativo e prescritivo. Tal “jogo de emblemas” estaria no cerne da visão chinesa sobre a evolução da escrita como um sistema que adquire certo grau de independência em relação à fala.

Na seção a seguir dedicada à tipologia dos sistemas de escrita veremos um estudo mais detalhado dos sistemas de escrita que acrescentarão informações e uma metalinguagem e ajudarão a avaliar a escrita chinesa nos dois capítulos posteriores.

¹²⁷ Auroux, 2004, p.63.

¹²⁸ Veja-se Auroux, 2004, p.69

2.2. Tipologia dos Sistemas de Escrita

2.2.1. A Metalinguagem da Escrita

O tema do presente trabalho se desenvolve em torno dos discursos acerca da escrita chinesa. Nesta parte, examinamos como esses discursos introduzem problemas e interpretações acerca da escrita em geral, cujo entendimento será fundamental para que, mais tarde, lidemos com o caso específico da escrita chinesa. Por este motivo, é preciso que haja uma compreensão segura acerca do aparato teórico e do pano de fundo sobre o qual se posicionam tais discursos.

Quando falamos de escrita há uma certa confusão terminológica que precisa ser melhor entendida, ou ao menos estudada nas suas diversas acepções. Cada termo inevitavelmente carrega alusões desta ou daquela visão de escrita e, portanto seria interessante que sua utilização fosse a mais clara possível, a medida em que o que se propõe neste trabalho é exatamente analisar os textos sobre a escrita chinesa. Enfim, o que eu proponho aqui é introduzir uma terminologia sobre a escrita, que não ouse ser impositiva ou inquestionável, mas que poderá auxiliar a se pensar numa metalinguagem sobre a qual discussões sobre a escrita poderão ser desenvolvidas. Tal terminologia daria uma base um pouco mais sólida do uso destes significantes no presente trabalho, ajudando a diminuir a ambiguidade inevitável que aparece quando tratamos de assuntos tão polêmicos e de termos tão frequentemente polissêmicos.

Parece-me aconselhável separar didaticamente as três dimensões linguísticas em jogo neste trabalho, nomeadamente: a escrita, o significado e a fala. Com isso não quero absolutamente indicar que tais universos conceituais sejam independentes ou que se prestem a algum tipo de hierarquização, mas sim o faço no intuito de ajudar nas discussões sobre a língua chinesa ao longo deste trabalho. Assim temos como as menores unidades (abstratas) em cada dimensão:

Escrita	grafema
Significado	morfema
Fala/som	fonema

Grafemas podem compor palavras escritas ao passo que fonemas compõem sílabas.¹²⁹ Já do lado dos morfemas a situação é mais complexa, mas não cabe aqui uma discussão sobre as complexas questões de composicionalidade do significado.

Morfema. É um termo desenvolvido no estruturalismo e é importante em sua oposição ao fonema e no desenvolvimento da ideia da dupla articulação da linguagem de Martinet.¹³⁰ Usamos aqui o termo em sua acepção mais consensual, como “unidade mínima de significação” e “entidade linguística que reúne ao mesmo tempo um significante e um significado.”¹³¹

Fonema. Tal como desenvolvido pelo estruturalismo, o fonema é a unidade *abstrata* mínima segmental do som que provê contraste de significado dentro de cada língua.¹³² Consideremos o fonema com “a unidade mínima que distingue a segunda articulação da linguagem.”¹³³

Grafemas. Grafema pode ser entendido como a unidade básica de um sistema de escrita que corresponde ao menor segmento da fala representado na escrita.¹³⁴ Tal definição é muito problemática, porque mais uma vez envolve a dimensão da fala. É possível tomar um partido menos representacionista ao indicar os grafemas como unidades gráficas independentes, que perfazem um repertório de signos utilizado pelos sistemas de escrita.¹³⁵

¹²⁹ Nem o conceito de palavra nem o de sílaba são tão simples como poderia nos dar a pensar o senso comum. Esses termos serão retomados brevemente a seguir.

¹³⁰ Martinet, 1960, p.10-12.

¹³¹ Neveu, 2007, p.208.

¹³² Veja-se também Saussure, [1916]2006, p.49-52.

¹³³ Neveu, 2007, p.143.

¹³⁴ Ping, 1999, p.131. Ou em DeFrancis, 1996, p.54: “[grafema] é a unidade gráfica sem significado que corresponde ao menor segmento da fala representado na escrita.”

¹³⁵ Harris (veja-se I.2.4) mostra os grafemas compondo as unidades relacionadas hierarquicamente da *notação*, relacionadas semiologicamente aos sistemas de escrita. Os grafemas só adquiririam algum valor como signos escritos dentro dos textos de um sistema de escrita, e assim eles não teriam então, por si só, qualquer valor fônico, apenas uma expressão gráfica.

Palavra. É um dos termos menos claramente definidos na linguística e livros inteiros já foram dedicados a estudá-la na vã tentativa de defini-la.¹³⁶ É também um termo que transcende a escrita e está imiscuído em diversos aspectos da linguagem. Até pela sua dificuldade de definição, *palavra* se torna um termo útil quando se deseja indicar um termo mais geral e menos “técnico,” válido tanto para a fala como para a escrita. Como a notação em algumas escritas é multifuncional (por exemplo, os hieróglifos egípcios podiam ser usados como indicadores de uma palavra, determinantes fonéticos ou classificadores semânticos), um texto (segmentos de grafemas) nem sempre pode ser interpretado como uma sucessão de palavras:

A interpretação das palavras é um processo multifacetado envolvendo referências às informações semânticas, fonéticas e lexicais (...) [Palavras] podem não ser as unidades salientes de uma reflexão metalinguística em sociedades ágrafas, o que significa dizer que a noção de palavra é influenciada pela interpretação dos signos escritos, pelo menos tanto quanto eles são baseados na definição consistente do que é palavra.¹³⁷

Uma das ideias mais simples e intuitivas do que é palavra é sua identificação como unidades gráficas separadas das outras por um espaço em branco. É uma definição que vincularia o conceito de palavra ao grafismo da escrita e, portanto tem também limitações.¹³⁸

O lexema é tradicionalmente usado como “palavra dicionarizável,” o grupo de formas que é incluído em um mesmo verbete no dicionário. Como este não é um trabalho lexicográfico, não será um termo muito utilizado, preferindo-se “palavra.”

A sílaba, tal como a *palavra*, é um conceito complexo, uma vez que as fronteiras silábicas não são facilmente definidas. A linguística lida também com o conceito de “sílaba abstrata” e veremos um pouco mais de detalhes sobre isso ao discutir abaixo os sistemas silábicos de escrita.¹³⁹

¹³⁶ Saussure apresenta as dificuldades na delimitação das palavras em Saussure, [1916]2006, p.121-4.

¹³⁷ Coulmas, 2003, p.60.

¹³⁸ Ao discutir sua terminologia para a discussão sobre a escrita, DeFrancis usa o termo mais técnico *frame* específico para esta unidade gráfica da escrita (veja-se DeFrancis, 1996, p.54).

¹³⁹ Veja-se uma discussão detalhada sobre o conceito da *sílaba* em Coulmas, 2003, capítulo 4 ou Rogers, 2005, p.14.

Também parece aconselhável apresentar uma terminologia mais específica utilizada nos estudos da escrita.

Notação é um sistema semiológico hierarquizado de grafemas, conforme vimos na seção I.2.4 desenvolvido sobre o pensamento de Roy Harris.

Sistema de Escrita (em inglês muitas vezes referidos como *script*) é um termo usado para caracterizar o sistema semiológico de cada escrita. É um dos termos mais complexos em seu entendimento, até porque pode ser usado de uma maneira muito abrangente. De certo modo, poderíamos argumentar que o propósito de todo trabalho que lida com a escrita se desenvolve acerca do se pode entender por um “sistema de escrita.” Exatamente porque nos eximimos aqui de procurar uma definição reducionista sobre “escrita”, seria talvez interessante deixar este termo um pouco mais “solto.”

Coulmas, em um artigo recente,¹⁴⁰ na discussão acerca dos méritos de cada sistema de escrita, resolve apresentar uma diferenciação e definição contrastante entre: sistema de escrita (*writing system*), escrita (*script*) e ortografia (*orthography*). Para o autor *script* é um termo que se aproxima de “notação” como apresentado acima: por exemplo, o persa antigo, babilônio e elamita são todos diferentes sistemas de escrita com o mesmo *script*, a mesma notação de grafemas (cuneiforme). O autor faz o contraste com os diversos graus de cursividade da escrita chinesa através dos séculos (escrita do selo, escrita clerical, escrita cursiva, etc.) que seriam diferentes *scripts* para o que basicamente é um mesmo *sistema de escrita*. Já *ortografia* é o que ele chama da “norma codificada” e alguma confusão pode surgir na avaliação entre o que seriam dois *sistemas de escrita* diferentes (por exemplo, entre o inglês e o espanhol) e duas *ortografias* (inglês britânico e americano, chinês simplificado na China continental e tradicional em Taiwan, Hong Kong e Singapura). A escolha entre estes termos me parece um pouco também um sinal de preferência pessoal.

Caractere é um termo empregado de forma muito abrangente, apontando para qualquer sinal gráfico, ou até mesmo qualquer signo ou símbolo. Na literatura ocidental sobre a escrita os *caracteres* em geral são usados como sinais gráficos (grafemas) que proveem contraste com as *letras* dos sistemas de escrita segmentais. Assim podemos falar de “caracteres *kana* japonês” e “caracteres

¹⁴⁰ Coulmas, 2009.

chineses.” A escrita chinesa é a única de âmbito nacional em uso hoje a usar *caracteres* semanticamente informados e um termo foi especificamente cunhado para os caracteres chineses: sinógrafos.¹⁴¹ O termo destaca a origem autóctone chinesa dos caracteres que foram e são usados em outros sistemas de escrita. Durante este trabalho, entretanto, devido ao seu uso bastante comum, o termo “caracteres chineses” (ou simplesmente “caracteres”) será empregado designando os grafemas em uso na notação chinesa.

Ideogramas, Logogramas, Morfogramas: são termos usados para relacionar os caracteres respectivamente a ideias, palavras e morfemas, numa perspectiva representacionista. Note que de uma perspectiva harrisiana não seria possível esta relação direta entre grafemas e signos fora do sistema da escrita, uma vez que os grafemas só tomam valor quando inseridos nestes sistemas. Poderíamos então pensar nas relações entre os signos do sistema da escrita chinesa respectivamente com ideias, palavras e morfemas.

Há também dois termos contrastivos importantes específicos dos estudos sobre os sistemas de escrita:

Fonográfico¹⁴² vs Semasiográfico. Gelb introduziu a distinção das duas etapas do “desenvolvimento” da escrita:

Esta tremenda diferença entre o estágio semasiográfico da escrita (expressando significado e noções ligadas frouxamente à fala) e o estágio fonográfico da escrita (expressando a fala) deve ser profundamente enfatizado aqui (...)¹⁴³

Para Gelb a história da escrita segue inexoravelmente na direção do estágio fonográfico, quando a escrita passaria a representar não mais a transmissão de ideias e sons, mas somente a fala. Há portanto uma clara hierarquização que, nos estudos posteriores, foi em geral abandonada. Na literatura sobre a escrita o termo “semasiográfico” foi frequentemente utilizado para denotar um sistema de escrita que “indique as ideias diretamente” (Sampson, 1985, p.29). Aqueles escritores partidários da corrente foneticista em geral não consideram a escrita semasiográfica como uma escrita completa, ou plena, mas como uma protoescrita

¹⁴¹ Rogers, Lawrence, 1979. *Rags and Tatters: the Uzuragoromo of Yokoi Yayu* in *Monumenta Nipponica* 34 (3), p.279-310, citado em DeFrancis, 1984, p.71.

¹⁴² Alguns autores preferem o termo “glotográfico” como tecnicamente mais preciso do que “fonográfico,” por exemplo, Pulgram (1966) ou Sampson (1985).

¹⁴³ Gelb, 1963, p.11

e portanto os únicos sistemas de escrita dignos do nome seriam aqueles fonográficos (ou glotográficos).

Uma vez de posse de uma terminologia consistente para o presente trabalho, podemos pensar de que forma contrastar os sistemas de escrita com vias à escolha de uma tipologia adequada para pensarmos os diferentes discursos sobre a escrita.

Muitos autores que escreveram sobre os sistemas de escrita avaliam que o ponto de partida para se distinguir entre as diferentes formas de escrita é a sua relação com a fala. Um exemplo típico é o que escreve Rogers no início do capítulo “Classificação dos Sistemas de Escrita”:

Linguagem é a relação entre som e significado, e seu contato com o mundo real se dá através de duas interfaces: fonética e semântica. Em princípio podemos representar uma elocução através da escrita por qualquer um dos seguintes níveis: fonético, linguístico ou semântico.¹⁴⁴

Outros autores propõem variações sobre o mesmo tema, partindo sempre da mesma premissa, que reformulo em minhas próprias palavras: os sistemas de escrita devem primariamente ser classificados de acordo com sua relação de representatividade no nível da fala. Essa classificação pressupõe uma relação de dependência fundamental da escrita em relação à fala. E parece falhar ao não dar a devida importância às outras articulações da escrita. Entre alguns destes autores, podemos citar Gelb (1963), Hill (*The Typology of Writing Systems*, 1967, in DeFrancis, 1989), Diringer (1962 e 1968), Sampson (1985), DeFrancis (1989), Rogers (2005), e até mesmo, embora advogue uma posição bem menos abertamente foneticista, Coulmas (2003).

Proponho neste trabalho apresentar em contraste a tipologia proposta por William Haas em 1976, que avalio bastante inovadora por motivos que ficarão claros ao longo de sua exposição.

Assim Haas começa a introduzir sua discussão sobre a tipologia dos sistemas de escrita:

A distinção entre os diferentes tipos de sistema de escrita parece ser determinada principalmente por três tipos de relações: uma intrínseca, as outras duas extrínsecas. Intrínseca ao próprio sistema é a relação dos signos com as expressões escritas (...)

¹⁴⁴ Rogers, 2005, p.269. O autor prefere dividir as escritas fonográficas em a) *fonéticas*, do qual o IPA (*International Phonetic Alphabet*) seria o único representante; e b) *glotográficas*, cuja representação se daria no nível das “locuções linguísticas de uma língua específica,” daí o termo *nível linguístico*.

[já as duas] extrínsecas são as relações dos signos com as unidades de uma dada língua falada ou com as “coisas” extralinguísticas.¹⁴⁵

A relação intrínseca está no núcleo do próprio sistema de escrita, em sua relação com a *mensagem*, onde não comparecem as relações entre a dimensão da escrita e as dimensões do mundo exterior ou da fala. Neste sentido os grafemas podem ser *semanticamente informados* ou *semanticamente vazios* (também chamado de *não-informados*). Mas não no

sentido hjelmesleviano [de] ser uma relação entre a forma (ou “expressão”) de um grafema e seu significado (ou “conteúdo”) (...) [H]á consideráveis vantagens em abandonar esta abordagem tradicional e descrever o valor semântico de um elemento como uma *propriedade relacional* (...) referindo-se às relações parte/todo entre unidades concretas – nomeadamente, entre a mensagem escrita e seus constituintes – ao invés de tentar operar com a relação entre, de um lado, um dado grafema, e de outro, alguma entidade “fantasma” associada a ele.¹⁴⁶

Se o grafema for semanticamente informado, se torna necessário determinar então de que forma ele é motivado por suas relações extrínsecas. A primeira abordada por Haas é a relação com o “mundo”, ou seja, com tudo o que estiver fora da linguagem, o que for extralingual.

De acordo com o que for o caso ou não, caracterizamos uma escrita semanticamente informada (ou parte dela) como *motivada* ou *arbitrária*. Essa relação de motivação entre a unidade linguística significativa e as “coisas” só pode tomar a forma de *imitação*: no caso de elementos gráficos, de uma representação pictorial dos objetos referidos na mensagem, e no caso da língua falada, de onomatopéia.¹⁴⁷

Haas julga que enquanto a onomatopéia tem uma representatividade marginal na fala,¹⁴⁸ a motivação gráfica na escrita pode ser muito importante. É importante também observar que Haas não fala de escritas “pictográficas” e “não-pictográficas”, preferindo os termos motivado/arbitrário. Na opinião do autor, uma escrita pictográfica só é importante enquanto ela for motivada e portanto o

¹⁴⁵ Haas (1976), p.133. É possível traçar um paralelo com as três relações de Haas e os três conceitos de função linguística propostos por Garvin (Garvin (1978) *in* Dillinger (1991, p.399) *in* Mussalim *et al* (2004, p.171)): 1) a relação entre uma forma e outra (função interna), se assemelha à relação intrínseca de Haas; 2) entre forma e significado (função semântica), se assemelha à relação escrita e significado e 3) entre sistemas de formas e seu contexto (função externa ou social-comunicativa), se assemelha à relação escrita e fala.

¹⁴⁶ Haas, 1976, p.135, minha ênfase

¹⁴⁷ Haas, 1976, p.136.

¹⁴⁸ O autor também distingue entre o uso restrito da onomatopéia e a motivação muito empregada através da associação semântica pelo som, obtido nas figuras de linguagem como assonâncias, rimas e aliterações.

segundo termo seria mais genérico e fundamental. Pictografia não é um termo que deveria ser usado para escritas que perderam seu caráter motivado:

Claramente, no momento em que um grafema perde sua função motivada original, seu caráter pictorial deixa [também] de ser relevante. Seja qual for o significado que permaneça relacionado a este grafema, ele é totalmente independente do fato que ele foi um pictograma (...) [e] sua relação com os objetos extralinguais pode tornar-se irrelevante (...)¹⁴⁹

Voltaremos um pouco mais a este assunto especificamente sobre a escrita chinesa nos capítulos IV ao discutir sobre a iconicidade naquele sistema.

De posse das categorias intralingual e extralingual, só então Haas irá discutir o que normalmente outros autores tomam como ponto de partida em suas tipologias: a relação interlingual, aquela entre a escrita e a fala, ou seja, entre os grafemas e as unidades específicas da língua falada. Segundo Haas,

se houver ou não uma correspondência regular entre estes dois [unidades da escrita e unidades da fala], a escrita (ou parte dela) será [respectivamente] chamada de *derivada* ou de *não-derivada (original)*. Deve-se notar que a correspondência regular não é necessariamente uma correspondência um para um; tudo o que ela implica são regras para designar unidades em um meio para unidades em outro.¹⁵⁰

Uma escrita derivada precisa ter sua fala correspondente analisada:¹⁵¹ as unidades do inventário da notação e as unidades do inventário abstrato fonológico da língua precisam ser definidas (abstraídas) para que se determine então de qual tipo de escrita derivada se trata: *morfêmica*, *silábica*, *fonêmica*, etc. Haas propõe que a escolha do tipo de análise “será determinada em grande parte – embora (...) não inteiramente – pela escolha feita entre uma escrita semanticamente informada ou vazia” (Haas, 1976, p.142). Como já vimos na terminologia apresentada ao começo desta seção, escritas predominantemente semanticamente vazias constroem relações entre os grafemas e unidades desprovidas de significado (2ª articulação de Martinet), fonemas ou sílabas, por exemplo. Escritas semanticamente informadas que sejam derivadas, basicamente articulam seus grafemas com morfemas (1ª articulação de Martinet).

Somente as escritas derivadas podem ser semanticamente vazias, uma vez que elas têm uma alternativa de pareamento de suas unidades com as unidades da

¹⁴⁹ Haas, 1976, p.140.

¹⁵⁰ Haas, 1976, p.141.

¹⁵¹ Veja-se que esta é a base da crítica que Olson (1994) fez contra a visão representativa da escrita como vimos na seção I.2.1.

fala.¹⁵² A estas escritas não-informadas e derivadas, Haas chamou de escritas *cenêmicas*, que se contrastam com as escritas *plerêmicas*, aquelas derivadas porém informadas. Em outras palavras, para aqueles sistemas de escrita cuja representação na fala apresenta uma aceção de significado (1ª articulação de Martinet), usa-se o termo *plerêmica*. Já os sistemas cuja representação na fala se situa na 2ª articulação de Martinet, convencionou-se chamar de escritas *cenêmicas*.¹⁵³

Haas vê na análise linguística uma tarefa complexa da qual nós, enquanto falantes letrados da língua, poucas vezes nos damos conta. E vê por trás dos sistemas de escrita *originais*, ou seja, sem uma relação regular e derivada da fala, o resultado de uma incapacidade de lidar com esta análise: “a obscuridade da ideia de que uma infinita variedade de locuções possa ser reduzida a um inventário limitado de elementos – isso explica porque todas as escritas primitivas eram não derivadas” (Haas, 1976, p.142). E, no entanto o autor assume que em algum momento essa análise, foi atingida, quase como que por acaso:

a alternativa de uma escrita derivada parece ter surgido não por algum repentino rompante divinatório (*sudden flash of insight*), mas lenta e gradualmente, através de um tortuoso processo de felizes coincidências, e através de tentativas acidentais de curar as deficiências inevitáveis de uma primeira escrita original.¹⁵⁴

A despeito da clareza e engenho da tipologia proposta por Haas, sem dúvida estamos de volta às hierarquias dos sistemas de escrita e à crença num esforço quase sobre-humano de análise fonológica, objetivando atingir o “verdadeiro sistema de escrita.” Acredito entretanto que o não reconhecimento do potencial da escrita em servir a propósitos mais elevados não tira o mérito dessa tipologia, que parece servir bem ao objetivo de refletir sobre os sistemas de escrita nas suas diferentes dimensões, ao mesmo tempo em que abre espaço e legitimidade para as escritas *originais*, que aqui não são tachadas derogatoriamente de protoescritas ou não escritas.

¹⁵² Uma escrita não derivada e semanticamente vazia não teria alternativas de relacionamento inter ou extralingual.

¹⁵³ French, 1971, p.118, cita os termos “*cenemic*” e “*pleremic*” como remontando ao trabalho de Hjelmslev “Essai d’une théorie des morphèmes” de 1938. Haas, 1976, p.153 comenta que se apoderou dos termos hjelmslevianos sem entretanto que isso implique em um compromisso com o dualismo de “expressão-conteúdo” daquele autor.

¹⁵⁴ Haas, 1976, p.142-3.

Embora não deixe de ser uma tipologia com base representacionista, o esquema proposto por Haas é de certa forma bastante inovador, pois não privilegia apenas a relação entre escrita e fala como fio condutor para a diferenciação entre os tipos de escrita, como normalmente fizeram os outros autores citados acima. Ao contrário, é na relação intralingual, entre escrita e mensagem, que o autor coloca seu ponto de partida, enquanto a relação entre escrita e fala é apenas uma das duas relações extrínsecas da escrita.

Podemos esquematizar o que foi proposto acima por Haas (1976) na seguinte tabela:

Tabela 2- Tipologia de Escrita¹⁵⁵

Categories		Interlingual (c/ fala)	Intralingual (c/mensagem)	Extralingual (c/“coisas”)	tipos de escrita
Opções		(+) derivado (-) original	(+) informado (-) vazio semant.	(+) motivado (-) arbitrário	
Escrita Original		(-)	(+)	(+)	(1)
		(-)	(+)	(-)	(2)
Escrita Derivada	Plerêmica	(+)	(+)	(+)	(3)
		(+)	(+)	(-)	(4)
	Cenêmica	(+)	(-)	X	(5)

Os tipos de escrita da última coluna serão usados como referência para a classificação e exemplificação de alguns sistemas linguísticos representativos que será apresentada na próxima seção.

2.2.2. A Classificação dos Sistemas de Escrita

Os sistemas de escrita em uso hoje possuem uma enorme variação não só gráfica, mas também funcional e estrutural. A tipologia de Haas introduzida na seção anterior nos servirá com fio condutor para avaliar de que forma os estudos sobre a escrita podem classificar os diversos sistemas de escrita que conhecemos e eventualmente chegarmos à escrita chinesa, o foco deste trabalho. Os termos aqui

¹⁵⁵ Adaptado de Haas, 1976, p.150.

apresentados são obviamente abstrações e não se pode dizer que há algum sistema de escrita “puro” no sentido da utilização de somente um dos métodos de codificação aqui expostos.¹⁵⁶ É importante também sempre reforçar que estas tipologias foram empregadas pelos autores aqui discutidos como análises descritivas de um ponto de vista representacionista dos sistemas de escrita.

Uma forma de pensar as possibilidades dos diferentes sistemas de escrita foi sugerida por M. A. French (1971). O autor avalia os méritos e desvantagens dos sistemas de escrita com base no equilíbrio entre seu *poder de representatividade* e a *facilidade de seu uso*. O interessante é que ele traz termos conhecidos da linguística estruturalista para conceber este equilíbrio. Para French: “um dos problemas ao se desenvolver um sistema de escrita situa-se em atingir um balanço ótimo entre as demandas conflituosas da economia sintagmática e paradigmática” (French, 1971, p.119). Ou seja, no eixo paradigmático situamos as diversas unidades da notação (os grafemas) e no eixo sintagmático, a combinação dos grafemas em itens lexicais escritos. Uma escrita muito pobre paradigmaticamente significa que possui pouquíssimos grafemas, daí a necessidade de combinações lexicais mais complexas. O oposto ocorre em um sistema rico paradigmaticamente (que seria, por exemplo, o caso do sistema chinês), capaz de uma enorme concisão lexical (e também sintática, no caso do chinês clássico) diante de um grande inventário de grafemas. Esta é uma análise interessante, que julgo poderia ser ainda mais enriquecida se avaliarmos também qual a influência da fonologia, da morfologia e da sintaxe sobre o equilíbrio entre os dois eixos “grafemáticos”.¹⁵⁷

Apresentemos a seguir a classificação dos sistemas de escrita com alguns exemplos ilustrativos.

- Escrita Original (não derivada): pictográfica, ideográfica – tipos (1) e (2)

É exatamente uma das questões que permeia todo este trabalho a possibilidade ou não de um sistema de escrita plenamente desenvolvido (com

¹⁵⁶ “Cada tipo de escrita tem suas vantagens distintas, e a mistura é uma ferramenta através do qual os diferentes sistemas de escrita podem se beneficiar das vantagens dos diferentes tipos [de codificação]” (Haas, 1976, p.156).

¹⁵⁷ Esta questão da “otimização” dos sistemas de escrita e das tentativas de avaliá-los será um termo recorrente em alguns autores, como em Coulmas (2009). Essas questões não estão sendo abordadas no atual trabalho.

todas as questões e conotações que o termo “plenamente” acarreta) puramente picto ou ideográfico. Em diversos momentos no estudo de escritas antigas, como o sumério, o maia e o egípcio, se considerou que estas teriam sido, nos primórdios de sua evolução, escritas “semasiográficas,” “não derivadas,” “incompletas,” etc.

Esses sistemas de escrita (considerando que pudemos chamá-los assim) são chamados de “originais,” pois não seriam derivados da língua falada, ou seja, seu desenvolvimento não seria calcado na língua falada. Em última instância, caso uma escrita assim fosse plenamente possível, seria teoricamente viável uma situação de duas populações que fossem totalmente bilingues intersemioticamente, ou seja, falassem línguas diferentes e compartilhassem a mesma escrita.

Coulmas e outros autores de cunho mais “foneticista” não aceitam esta possibilidade. Para eles estes sistemas não têm as características essenciais da *autoindexicalidade* e da *convencionalidade* e, portanto jamais teriam o poder expressivo e a praticidade dos outros tipos de escrita: “não há evidências de que as pessoas tenham a capacidade de dominar o enorme número de símbolos necessários num sistema de escrita que tenta passar pensamento sem a mediação do som (...)” (DeFrancis, 1984, p.144).

Haas, 1976, p.158-164, discute em detalhes o uso misto dos sistemas não-derivados, (1) *motivado*, e (2) *arbitrário*. Para o autor a utilização de caracteres arbitrários num sistema original e semanticamente informado é na prática muito limitado e acessório, apenas como alternativas para “escapar das limitações semânticas da pictografia” (Haas, 1976, p.158). Não parece portanto viável um sistema que fosse completamente independente da fala, motivado semanticamente e totalmente arbitrário, dado o enorme peso mnemônico de tal sistema. Os sistemas de escrita com pretensões universais que foram concebidos, como o *Blissymbolics*, almejam ser todos basicamente do tipo (1), ou seja, com grafemas motivados.

Já vimos como a aceitação de escritas não derivadas como sendo ou não escritas “completas” é objeto de uma calorosa polêmica entre aqueles que estudam a escrita. Talvez a posição mais ponderada (exclusive o adjetivo *marginal* usado para as escritas semasiográficas!) seja aquela que apresenta Geoffrey Sampson:

Se desejamos ou não insistir na definição [de que toda escrita deva ser glotográfica], e, coerentemente, classificar a semasiografia como algo diferente de escrita (...) ou se sentimos que os sistemas semasiográficos são suficientemente parecidos com as escritas mais “óbvias” para que os consideremos também como uma escrita de tipo marginal (...) *é em última instância uma escolha pessoal sobre o uso destas definições.*¹⁵⁸

- Escrita Derivada com Grafemas Semanticamente Informados - Escrita logográfica e morfêmica – tipos (3) e (4)

Ao contrário dos tipos (1) e (2), os sistemas derivados com grafemas informados semanticamente possuem uma relação diferente frente às alternativas *motivado vs. arbitrário*. Haas discute que neste caso a situação mais estável é a oposta: o sistema com grafemas “derivados-arbitrários tem a tendência a tomar uma posição dominante sobre o derivado-motivado” (Haas, 1976, p.167). Isso ocorre devido aos fatores em jogo nos processos evolutivos dos sistemas de escrita, introdutoriamente abordados na seção 2.1.

Como a escrita chinesa é sem dúvida uma escrita com caracteres informados semanticamente e a maior parte da evidência linguística aponta para que ela seja também um escrita derivada (embora possa ter nascido como original), a questão da motivação vs arbitrariedade de seus signos escritos assume uma especial relevância nos seus estudos. Iremos retomar esta discussão em maiores detalhes no capítulo IV deste trabalho.

As escritas cenêmicas (tipo 5) diferenciam-se entre si pela forma como os grafemas se articulam com as unidades abstratas da fala que não possuem indicação semântica (ou seja, na 2ª articulação de Martinet). O que aqui é considerado uma subdivisão que é tomada como o critério primário pelos foneticistas para classificar os sistemas de escrita do mundo. A apresentação aqui é muito breve, e diversos livros constantes da bibliografia deste trabalho apresentam bons e detalhados estudos sobre esta classificação.

- Escrita Cenêmica Silábica

O japonês é uma língua para a qual caberia muito bem o título de escrita silábica. Em primeiro lugar a fonologia japonesa é extremamente restrita, com apenas cerca de 113 sílabas diferentes. Em segundo lugar, os dois silabários

¹⁵⁸ Sampson, 1985, p.30, meu grifo.

autóctones desenvolvidos no Japão têm uma relação grafema/fonema muito regular. Através de um sistema com alguns diacríticos, o kana japonês precisa de apenas 47 símbolos diferentes.¹⁵⁹

Outros sistemas de escrita desenvolvidos mais recentemente acabam sendo obrigados a recorrer a um número muito maior de grafemas. Por exemplo, na escrita inventada no século XIX para a língua Vai na Libéria foram utilizados mais de 200 grafemas.¹⁶⁰ E na China, um sistema silábico desenvolvido para a língua da minoria Yi (ꨀ ꨁ, no próprio dialeto da província de Liangshan, 彝族, *yízú* em chinês) acabou criando um complexo sistema de 819 grafemas baseados no princípio de biunivocidade entre sílabas e grafemas.

A relação entre um signo escrito (grafema) e uma sílaba é muito mais complexa do que talvez pudesse se imaginar somente pela ideia intuitiva do que é uma “sílaba.” Rogers (2005) prefere o termo escrita *moraica* ao invés de *silábica*. O autor contrasta as duas palavras: “podemos pensar que uma sílaba consiste numa sequência começo, núcleo e final (*onset, nucleus and coda*), ao passo que a mora consiste seja de uma sequência começo-núcleo, seja de um final.” (Rogers, 2005, p.14) Por estas definições, o sistema kana japonês ou o da língua cherokee seriam escrita moraicas e não silábicas. Segundo o mesmo autor, o único exemplo claro de escrita silábica seria aquele desenhado para a língua Yi na China. Coulmas (2003, p.64-5) usa o termo *mora* apenas para sistemas que façam uso sistemático do contraste entre sílabas longas e curtas sem combinar com outras diferenças qualitativas.¹⁶¹

- Escrita Segmental: Escrita Alfabética

A escrita segmental tem por característica principal ser aquela que mapeia seus grafemas em uma relação fonética mais ou menos próxima aos fonemas da língua a qual a escrita está associada. O advérbio “mais ou menos próxima” em

¹⁵⁹ É exatamente esta regularidade que nos leva a questionar motivações como eficiência e equilíbrio na relação entre o número de caracteres vs clareza e concisão da escrita por detrás da sobrevivência dos sistemas de escrita. Isso porque a escrita japonesa, com suas três notações diferentes e um extensa coleção de caracteres adaptados do chinês, merece sem dúvida o título do mais complicado sistema de escrita hoje em uso.

¹⁶⁰ Veja-se DeFrancis, 1984, p.90/1.

¹⁶¹ Para maiores informações, veja-se Coulmas, 2003, cap. 4; Sampson, 1984, cap. 4; DeFrancis, 1989, cap. 3; ou Rogers, 2005, p.276-7.

toda sua inespecificidade é causa de acalorados debates entre os estudiosos da escrita sobre as formas de articulação entre escrita e fala.

O uso dos termos “alfabeto” e “escrita alfabética” também é a fonte de potenciais confusões e ambiguidades. Em geral o senso comum nos leva a considerar as unidades gráficas da escrita como “letras” que formam um “alfabeto” ao mesmo tempo em que consideramos que esta ou aquela escrita são sistemas “alfabéticos.” Na seção 1.2.4 na discussão trazida por Roy Harris, vimos que pode ser esclarecedor considerar que “o alfabeto não é um sistema de escrita, mas uma notação que serve a uma variedade potencialmente infinita de sistemas de escrita” (Coulmas, 2003, p.199). Por este motivo o termo segmental deve ser preferido, pois sob o prisma da análise da relação entre unidades da escrita (grafemas) e unidades da fala (fonemas), ele reflete mais rigorosamente as características compartilhadas pelas escritas que usam alfabetos e letras.

A escrita segmental é a escrita ocidental *par excellence*, situação histórico-cultural que provocou uma série de preconceitos etnocêntricos, louvando-a como o “melhor” sistema de escrita. David Diringer escreveu em 1968 um influente tratado sobre os sistemas de escrita cujo esclarecedor título fala por si próprio: “*The Alphabet: A key to the history of mankind.*”

Deixando estas questões anacrônicas de lado, há que se concentrar na grande variedade existente entre os diversos sistemas de escrita alfabética. Um ponto de corte importante distingue entre uma escrita alfabética *fonêmica* e outra *morfofonêmica*. French (1971, p.124) oferece um exemplo contrastante entre o finlandês (fonêmico) e o inglês (morfofonêmico). Em finlandês a palavra para a forma nominativa de “órfão” se pronuncia /orpo/ e a forma genitiva “do órfão” se constrói sobre a raiz modificada do nominativo e uma flexão de caso e pronuncia-se /orvon/, com a base /orvo/ e o afixo /n/. As duas formas são escritas respectivamente “orpo” e “orvon” e portanto a variação fonológica na base se reflete fielmente na escrita. O exemplo do inglês é dado para as formas nominativa e adjetival de “demônio”, pronunciadas respectivamente /'dimən/ e /dɪ'mʊnɪk/. Ao ortografar as formas como “demon” e “demonic” a escrita inglesa transcreve o morfema “demônio” (*demon*) de uma só forma, embora ele apresente uma variação fonêmica. Por isso pode-se dizer que a escrita inglesa utiliza seus grafemas para mapear não somente os fonemas, como também os morfemas, o

que a aproximaria de uma escrita mais abertamente morfêmica, como é o caso do chinês. Nos estudos sobre a escrita diz-se que o sistema de escrita finlandês é mais *raso* do que o inglês. Numa escala gradual poderíamos identificar:¹⁶²

Tabela 3- Profundidade nos sistemas de escrita

plerêmica	c e n ê m i c a		
	profundo	← →	raso
morfêmico	morfofonêmico	fonêmico	fonético
chinês	inglês	finlandês	IPA

Nesta tabela foi incluída a escrita plerêmica (exemplificada pelo chinês), que poderia ser entendida como uma escrita ainda mais “profunda” que o inglês, ao ponto de que as distinções fonéticas são muito menos marcadas na ortografia do que o próprio inglês. Caberiam duas observações: 1) uma tabela como essa parece dar argumentos aos estudos partidários do foneticismo de que a escrita é basicamente fonética e se diferenciaria apenas pelo grau de representatividade da fala em sua ortografia. Já vimos vários autores (e voltaremos a outros textos na discussão sobre o chinês) que discordam deste ponto de vista; 2) a tabela não está feita em escala, ou seja, a distância que separa *chinês* de *inglês* ou este de *finlandês* não pressupõe qualquer proporção na profundidade das ortografias em questão.

- Escrita Consonantal: (escrita etiópica, sistemas de escrita semítica, indiano com sistema *virama*, etc.)

A escrita consonantal, aquela cujos grafemas mapeiam fonemas consonantais mas não os sons vogais, e portanto possui características de uma escrita silábica e também de uma escrita plenamente segmental. Podemos considerar que ela se situe em alguma fronteira entre essas duas alternativas.¹⁶³

- Escrita por Traços Fonéticos: coreano e escritas artificiais.

¹⁶² Adaptado de French, 1971, p.123-126.

¹⁶³ Maiores detalhes em Coulmas, 2003, capítulos 6 e 7; em Sampson, 1985, capítulo 5 ou DeFrancis, 1989, capítulo 4.

A escrita batizada de *Hangul* hoje em uso na Coreia foi desenvolvida com base numa complexa análise da fonologia da língua coreana. Alguns autores a chamam de uma escrita “por traços” (*featural writing*).

Existem outros casos de escritas por traços, que são invariavelmente sistemas de escrita deliberadamente inventados para propósitos específicos. Este é o caso de alguns tipos de escrita estenográfica ou taquigráfica (*shorthand*). O método de Pitman, por exemplo, usa uma ortografia totalmente fonêmica ao ponto que alguns autores a chamam de *fonografia*.

O fato das escritas por traços terem uma origem “artificial” já indica uma análise linguística premeditada, o que não aconteceu nos casos de escrita espontânea. E apesar de sistemas de escrita como a *Blissymbolics* e a “linguagem internacional das figuras” de Neurath também serem escritas premeditadas e desenvolvidas com um olhar na regularidade, as escritas fonéticas se situam no oposto do espectro que vai do significado à fala.